



EDUCOMUNICAÇÃO: APONTAMENTOS NECESSÁRIOS SOBRE EDUCAÇÃO VIRTUAL

Prof. Dr. Heinrich Fonteles¹

<http://lattes.cnpq.br/3957728556716175>

RESUMO – O presente texto discute a questão a educação a distância apresentando sua necessidade sócio educacional, e a partir disso apresenta a importância de se repensar a perspectiva educativa nessas plataformas numa orientação e fundamentada na ótica da educomunicação. Para isso, questiona qual teoria da comunicação e da aprendizagem favorece um aprendizado mais efetivo e colaborativo entre os agentes do processo educativo numa perspectiva da educomunicação, pois estende-se que a EAD nessa dimensão mobiliza, engaja, interage os participantes da aprendizagem num ambiente mais colaborativo, aumentando e expandindo os fluxos comunicacionais entre os mesmos, colaborando com a inserção social de todos, o que torna o aprendizado mais significativo, autônomo, livre e emancipador.

PALAVRAS-CHAVE – EAD, educomunicação, formação docente.

ABSTRACT – This paper discusses the issue to distance presenting its social and educational needs, and from that shows the importance of rethinking the educational perspective on these platforms in a line of argument from the perspective of educommunication. For this, questions which theory of communication and learning provides a more effective and collaborative learning between the agents of the educational process from the perspective of educational communication, it extends the EAD in this dimension mobilize, engage, learning participants interact in a more environmentally collaborative, increasing and expanding the communication flows between them, contributing to the social inclusion of all, which makes it the most significant learning, autonomous, free and emancipatory.

¹ Prof. Dr. em Comunicação e Semiótica PUCSP, nos últimos anos tenho desenvolvido pesquisa acadêmica na área de comunicação Social, articulando principalmente os seguintes temas: Mídia, Cultura, Educação, Tics, Comunicação e Mediação da imagem técnica. Membro do grupo de pesquisa: Mídia e Estudos do Imaginário (CISC-PUC-UNIP) e do CISC - Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e Mídia, e membro da diretoria executiva da ONG ANDEA - Associação Nacional de Dificuldade de Ensino e Aprendizagem, entidade que atua na área da educação inclusiva.

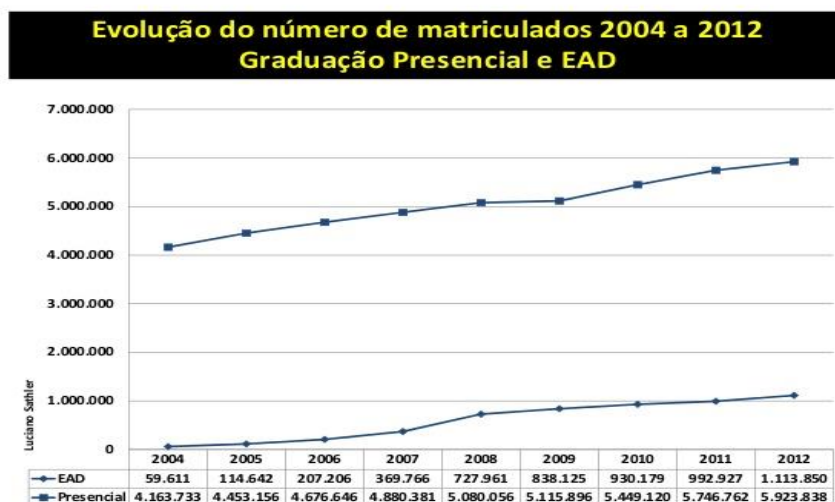


KEYWORDS – distance education, educomunicação, training

Introdução

O fenômeno da educação a distância no Brasil tem sido impulsionado tanto pela valorização econômica que a educação em geral tem alcançado nos últimos anos, quanto pela ascensão da nova classe C² em busca por formação. Segundo dados da ABED (Associação Brasileira de Educação a Distância), tem havido um crescimento dos cursos em EAD da ordem de 15%, e o número de matriculados em cursos a distância tem crescido percentualmente numa ordem que já supera os alunos matriculados em cursos tradicionais, algo que pode ser expresso no gráfico abaixo e na discussão que se segue.

Conforme Sathler (2008b),



Pode-se apontar que o crescimento em número de matrículas e concluintes de cursos de graduação na modalidade EAD deve-se ao processo de estabilização da economia dos últimos anos, à ascensão da classe média, e, sobretudo, as oportunidades oferecidas pela Universidade Aberta do Brasil (UAB), criada em meados de 2006, e à

² Hoje a nova classe C representa mais da metade da população do país (54%). Fonte: Jornal O Estado de S. Paulo, Caderno Economia B – p.B1- B4, Ano 132. N.43090, 09.10/2011. Conforme Meireles, do Instituto Data Popular, essa classe está sendo o foco das organizações e por último das políticas públicas governamentais. Para mais informações sobre “a classe C”, indicamos as leituras: “Classe C, 60%”, Revista Carta Capital edição n.651, Ano XVI 22/06/2011 e “Quem é a nova classe média do Brasil”, Revista Época, edição n.534, 11/08/2008. Indica-se ler NERI, Marcelo. A Nova Classe Média. SP: Saraiva 2012.



expansão da oferta via IES particulares, circunscrito numa lógica economicista.³

Segundo informação do Censo da Educação divulgada pelo MEC (2013), as matrículas nos cursos na modalidade EAD no ensino superior cresceram 12,2% entre os anos de 2011 e 2012, enquanto as na modalidade tradicional, apenas 4,3%. Isso já representa 1.113.850 alunos, ou seja, do total de matriculados na graduação, representa cerca de 15 a 20%⁴. (SATHER, 2008b, p. 10).

De acordo com informações do MEC, hoje já há mais de mil cursos superiores⁵ no formato em EAD regulamentados pelo próprio MEC e divulgados no portal de notícias G1 (2013); 142 instituições públicas e privadas de todo o país são credenciadas pelo MEC, e os cursos com maior número de matrículas são os da área de educação.

Há um otimismo no mercado,

Há uma sensação geral de otimismo no ambiente da EAD. A grande maioria (64%) das instituições consultadas afirmou que o número de matrículas aumentou em 2013, enquanto apenas uma parte delas (14%) afirmou que o número de alunos diminuiu (...) Entre as instituições que ministram cursos totalmente a distância, por exemplo, 60% afirmam que investirão mais neste ano e mais de 73% preveem elevar os investimentos em 2015 (...).⁶

A presença da educação via EAD e das ações da UAB, principalmente na formação continuada de docentes, é apontada como um dos fatores da democratização do ensino. Segundo informações em Ferreira afirma-se que,

Além da descentralização, os pesquisadores afirmam que o sistema universidade aberta do Brasil contribui para a promoção de um amplo processo de inclusão digital no país, colocando em pauta temas como a ética na sociedade do conhecimento e a diversificação na produção e

³ O parâmetro da lógica econômica sob as exigências do mercado, da globalização gravitado em torno do neoliberalismo, a produtividade, a quantificação passam a serem os marcadores de qualidade e eficiência das ofertas educacionais.

⁴Fonte: Centro de Referência MEC/Inep. Texto Luciano Sather. Membro da diretoria ABED - mandato até 2015. Mais informações http://www.scoop.it/u/educational_apps.

⁵Fonte: <http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2013/09/cursos-distancia-crescem-no-brasil.html>. Acesso em 04.10.2013.

⁶ http://www.abed.org.br/censoead2013/CENSO_EAD_2013_PORTUGUES.pdf



licenciamento de recursos educacionais.⁷ (FERREIRA, 2013)

Vale ressaltar que esta demanda atende a uma decisão política dos últimos governos em disponibilizar o acesso às tecnologias e a necessidade em qualificar profissionais para o mercado de trabalho, e no que tange a escola, a formação de docentes para atender a meta⁸ da universalização da educação básica, conforme o que expressa os marcos legais na nova LDB 9394/96, nos artigos 52, 62, 80 e 87, principalmente, indicando que para que tal meta seja cumprida, um dos meios faz-se com formação e mediação docente.

Pode-se apontar também que a presença dos cursos EAD, que já existiam desde os anos 30 (entre outras modalidades), foi facilitada pela popularização da internet, das redes sociais, pelo barateamento da banda larga de sistemas *wireless* e por outras possibilidades tecnológicas. Conforme Gama; Madeiro (2013), números divulgados tanto pelo PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios- (2013), quanto pelo IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística -(2012) apontam a penetração desses meios tecnológicos nos domicílios brasileiros, o que supostamente facilitou a procura por curso em EAD. Conforme as informações divulgadas pelos órgãos acima citados, o Brasil já soma 83 milhões de internautas em 2012, ou seja, 42,1% da população, e salientam que o maior crescimento acontece nas regiões Norte e Nordeste.

Entre os bens duráveis (telefone, máquina de lavar e veículos, por exemplo), foi o que mais cresceu de 2011 para 2012. Segundo a pesquisa, 46,4% das residências brasileiras têm pelo menos um computador, sendo que 40,3% das casas têm acesso à rede.⁹ (GAMA; MADEIRO, 2013)

⁷Fonte: <http://www.jornaldaciencia.org.br/impresso/JC746.pdf>, jornal de ciências, <http://www.jornaldaciencia.org.br/Detail.jsp?id=89721>, Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência- SBPC. Acesso em 04.10.2013.

⁸ Proposto no PNE (Plano Nacional de Educação), vide http://pne.mec.gov.br/images/pdf/pne_conhecendo_20_metas.pdf

⁹Fonte: informações divulgadas na imprensa, <http://tecnologia.uol.com.br/noticias/redacao/2013/09/27/42-dos-brasileiros-acessaram-a-internet-em-2012-n-e-ne-tem-maior-aumento.htm>, acesso setembro de 2013.



O fator tecnológico, além dos aspectos políticos e econômicos, contribuiu fortemente para presença da EAD no Brasil. Essa informação consta no discurso do Prof.Dr. Carlos Vogt, responsável pela Univesp¹⁰ em 2010, quando secretário de educação a distância do Estado de São Paulo: “O avanço da tecnologia nos permitiu montar sistemas de aprendizado e de avaliação mais eficientes” (BORGES; WEINERG, 2009, p. 122-124).

Não se pode esquecer que a validação do diploma pelo mercado contribuiu para legitimar o processo. No diploma, não se registra em que modalidade o curso fora feito. Uma pesquisa feita pela Fundação Getúlio Vargas – FGV – “mostrou que os profissionais formados a distância têm salários e índice de emprego similar aos dos formados em cursos presenciais”¹¹ (idem).

Esse quadro descrito acima procura demonstrar que o fenômeno da EAD já é presente em nosso país e consenso em vários países como modalidade útil para formação, tanto é que universidades de ponta já colocam seus cursos *online* há décadas.

68

Considerando a educação em rede, principalmente quando se têm um consórcio de universidade pública referencial com programas pedagógicos, estruturas, localidades e condições objetivas diversas, que se integram a um *pool* de cursos e aulas, pelo menos do ponto de vista pedagógico e midiático, que aparentemente se apresentam de formas universais e homogeneizantes.

Outros pontos a serem considerados nessa discussão referem-se às características midiáticas que reconfiguram o conteúdo das disciplinas, assim como as adequações de formação docente e as competências necessárias que atendam ao modelo pedagógico-midiático estruturado.

Nessa atualidade, é importante apontar as tendências atuais¹² que se colocam aos cursos em EAD, pois segundo uma entrevista de Alberto Cairo, professor da Universidade de Miami, esses mesclam ensino aberto, em rede, de forma bastante

¹⁰UNIVESP – consórcio entre USP, Unesp, Unicamp (além do Centro Paula Souza e Fundação Padre Anchieta).

¹¹Fonte: Pesquisa divulgada em Revista Veja Edição 2127 Anos 42, n.34, 26.08.2009. FGV <http://www5.fgv.br/fgvonline/Sobre/Premios/>.

¹²Abreviação da sigla Massive Open Online Courses (cursos *online* abertos e massivos).



interativa, que vão exigir um novo perfil docente até porque os usuários das redes sociais, internet e seus aplicativos passam a ser os novos configurados dessa relação.

(...) os Moocs, cursos que podem ter até milhares de alunos por sala, o crescimento de dois portais de cursos online surgidos em 2012 parece estar redesenhando o que se conhece como Educação a Distância. As plataformas [Coursera](#) e [edX](#), das quais participam algumas das mais importantes universidades do mundo, oferecem um novo tipo de experiência de aprendizado virtual¹³ (CAIRO, *apud* SOARES, 2013)

No mundo da era da mídia, da globalização, da economia e da mundialização da cultura, novas competências são exigidas aos docentes em virtude do novo papel a ser desempenhado. Portanto, urge-se repensar a formação docente, que tende a mudar e alterar, conseqüentemente, as forma do fazer pedagógico e a relação de trabalho, impactando, assim, na produção do conhecimento. O último relatório do MEC¹⁴, a partir da pesquisa internacional Talis¹⁵ – A Pesquisa Internacional sobre o Ensino e Aprendizagem (Teaching and Learning International Survey) (2014), aborda a questão do perfil docente, em termos de trabalho, no sistema educacional no país.

69

Interessa mencionar o relatório publicado pelo portal Porvir¹⁶ produzido pelo NMC (2014) no qual trata da questão referente ao novo papel do professor diante da disseminação da informação nas redes sociais, contexto em que o discente não depende mais do professor como única fonte de informação/conhecimento.

¹³Fonte: <http://revistaescola.abril.com.br/ensino-medio/entrevista-5-perguntas-cursos-online-abertos-massivos-moocs-755771.shtml>. Acesso em 04.10.2013.

¹⁴http://portal.mec.gov.br/index.php?Option=com_content&view=article&id=20550: pesquisa-internacional-revela-perfil-de-professor-e-diretor&catid=211&Itemid=86.
<http://porvir.org/garimpo/pesquisa-internacional-revela-perfil-de-professor-diretor/20140626>

¹⁵O relatório internacional da Talis está disponível na página da OCDE na internet. O relatório brasileiro da pesquisa, com resultados por unidade da Federação e questões exclusivas do Brasil, será divulgado em evento nacional de lançamento da Talis, no Inep, em 17 de novembro próximo.

¹⁶Para mais informações sobre o mais recente relatório do NMC (New Media Consortium), que traz seis tendências e seis tecnologias que devem se difundir na educação básica até 2019 e aponta essa mudança na atuação docente como algo que deve acontecer entre um a dois anos a partir de agora, consultar: KALENA, F. Relatório aponta novo papel do professor como tendência. Escola Online, 2014. In.<http://porvir.org/porpensar/relatorio-aponta-nov-papel-professor/20140630>. Acesso: junho 2014.



As novas tecnologias e abordagens pedagógicas estão transformando o papel do professor em sala de aula. Cada vez mais ele passa a ser um mentor, um guia para o aprendizado dos alunos (...). A justificativa do relatório para que o professor mude sua forma de atuação em tão pouco tempo vem do crescente acesso à internet por parte dos alunos. Com mais informação à disposição, os educadores deixam de ser a primeira fonte de conhecimento e se tornam ainda mais imprescindíveis no papel de orientação e mediação. Eles passam a ter que ensinar os estudantes a aprender ao longo da vida, a relacionar conteúdos pedagógicos com o mundo real e os instiga a aprofundar suas pesquisas para além da internet. (KALENA, 2014)

Nessa linha de pensamento, aponta-se para a atuação do professor perante a mediação tecnológica, os usos das mídias interativas e de tecnologias sensíveis e inteligentes que vão demandar dos docentes uma nova mediação pedagógica.

Sobre essa perspectiva, o citado relatório publica:

A médio prazo, de três a cinco anos, a expectativa é que o uso de recursos educacionais abertos (REA), livres de licenças e diretos autorais, esteja mais difundido e se torne uma opção viável para escolas com recursos limitados. E também espera-se, com o crescimento dos REA e de sua qualidade, que ele se torne uma alternativa aos materiais didáticos tradicionais. Paralelamente, aparece o aumento no uso de projetos híbridos de aprendizagem, nos quais o tempo de sala de aula é usado para aprofundar conhecimentos, desenvolver projetos e realizar atividades em grupo ou individualmente, assistidas pelo professor. (KALENA, 2014, **grifo nosso**)

Nesse sentido, é interessante perceber, não só nas falas do próprio professor citado, mas também nas perspectivas anunciadas no relatório NMC (2014), que, embora esse tipo de aprendizado tenha se expandido muito, faz-se necessário repensar o modelo e as plataformas de aprendizado ofertado, bem como reconsiderar os limites e as possibilidades de formação de docentes para ensino nessa perspectiva da EAD a partir dos modelos propostos existentes.

Outro aspecto que deve ser considerado também, que vai além das questões meramente tecnológica, é entender que os usos da TICS (Tecnologias da Informação e Comunicação) não garantem por si só que a educação (EAD) seja de fato realizada. O



grande desafio que se coloca para a EAD, mesmo esta gravitando e sendo possibilitada na e pela tecnologia, e como pedagogizá-la. Ou seja, como fazer com que o meio EAD se torna um ambiente educativo por ser desenvolvido num ecossistema comunicativo (Barbero 1997) (Kúplun 1999) que favoreça as relações entre alunos-professores-conteúdo, que passa a ser mote central do texto. Aqui, faz-se necessário ratificar conceitos, idéias e práticas já estudadas e aplicadas na perspectiva da educomunicação¹⁷ pensadas por Soares (2002) Citelli (2004) Baccega (1998) dentre outros no sentido de apontar teorias da aprendizagem e da comunicação que considerem a lógica da recepção (alunos, leitores, usuários), os embricamentos das relações sociais para que as diversas linguagens nos meios possibilitem que as diferentes narrativas encontrem espaço de expressão no ambiente virtual.

Algumas ideias que subjazem ao processo de ensino-aprendizagem e a EAD

71

Seria um equívoco afirmar que só porque tenha como base os recursos comunicacionais, informacionais e midiático, a EAD, por si só, já seria dialógica, pois os artefatos, dispositivos e instrumentos aproximariam alunos, professores e conteúdos de forma direta, síncrona e assíncrona, mesmo que de forma extraterritorial, atemporal, garantindo a total aprendizagem.

Sob esse prisma, tenderíamos a acreditar numa teoria que explicasse a aquisição do conhecimento de forma individual, memorativa, cujas estratégias didáticas e pedagógicas enfocariam apenas a perspectiva cognitivista do aluno, por meio de uma plataforma de comunicação unidirecional, o que não é o caso deste escrito.

As teorias de aprendizagem empíricas e idealistas tradicionais focam na

¹⁷ O grupo de pesquisa da USP – NCE (Núcleo de Comunicação e Educação) nasceu em 1996 na USP abrangendo estudos nessa ótica. <http://www.usp.br/nce/aeducunicacao/> e hoje já uma associação que agrupa pesquisadores em torno da temática. Educomunicação: “O conceito de Educomunicação é relativamente novo. Surgiu a partir das pesquisas desenvolvidas pelo Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) da Universidade de São Paulo (USP) no final da década de noventa (1997-1999) após a realização da Pesquisa Perfil do Educomunicador. A mesma foi coordenada pelo professor Ismar de Oliveira Soares, reconhecido internacionalmente por suas pesquisas na inter-relação Comunicação e Educação. Os resultados da pesquisa foram publicados em 1999 na extinta revista Contato (Brasília, DF, ano 1, n. 2, jan./mar. 1999, p. 19-74). Vide: <http://www.abpeducom.org.br/p/educunicacao-o-conceito.html>



transmissão de saberes e defendem que a aquisição do conhecimento se dá por etapas e fases cognitivas que ocorrem num determinado tempo da vida e que por isso as informações precisam ser organizadas, selecionadas e sistematizadas de forma lógica, linear, a-histórica e atemporal, necessitando que sejam memorizadas ou lembradas por sujeitos considerados passivos no processo de aprendizagem.

Para atender a essa perspectiva tradicional e comportamental, ora idealista, ora empírica-experimental-comportamental ou de aspecto tecnicista, focadas na transmissão de saberes de forma vertical, unidirecional, no qual o professor é o emissor da informação-conteúdo para o aluno-receptor, o conhecimento abstrato se dá forma meramente memorativa ou por esforço pessoal de raciocínio cognitivista, cuja ação do aluno ora é passiva ou ativa sobre o objeto da aprendizagem (Dewey 1952) (Decroly 1998) (Piaget 1999) (Skinner 1972) (Rogers 2014), desenvolve-se uma pedagogia, uma estratégia didática para operacionalizar tal esquema, onde os recursos disponibilizados, as relações entre os sujeitos sociais são conformados a essa lógica da operação individual e ação pessoal do sujeito aprendente, independente do seu entorno, pares, conflitos e contradições. Subjaz a essa lógica de ensino, uma estrutura comunicacional que operacionalize a comunicação pedagógica nesses termos, no qual o emissor (professor ou sistema de ensino virtual) é apontado como controlador eficaz, racional dos meios e busca-se dirimir os ruídos, os desvios, as brechas que atrapalhem a eficaz assimilação dos conteúdos previamente determinados, selecionados, organizados e sistematizados, cabendo ao aluno (receptor) pronunciá-los quando convocados nos exames e avaliações.

72

Freire (1999; 2003) já nos advertia contra essa educação bancária, estabelecida numa lógica escolar antidialógica e incomunicacional, opondo-se por meio de uma educação emancipadora, libertadora e participativa.

Essa discussão faz-se necessária, pois a EAD pode replicar em termos virtuais essa educação bancária denunciada por Freire quando funciona, operacionaliza e acredita que a aprendizagem se dá no esquema acima descrito, disponibilizando por meio de recursos digitais e comunicacionais um infinito de conteúdo e informações a serem acessados de forma isolada pelos alunos, num enfoque intrapessoal, negando o entorno social, configurador do que se está a aprender.



Esses aspectos citados acima são limitadores de um processo de ensino-aprendizagem que pode acontecer via EAD. O sistema estruturante proposto pode disfuncionalizar os recursos que poderiam alavancar as intenções, conexões e os contatos sociais que poderiam a partir das influências intersubjetivas e interpessoais.

Nesse sentido, é preciso discutir outras teorias da aprendizagem, pedagógica e comunicacionais que possibilite a EAD se estruturar para além da lógica racionalizadora, economicista, informacional, excludente, coerciva, persuasiva que tem se apresentado hegemônica Kuplún (1999) nas ofertas de EAD na atualidade.

Interações, interatividade e ambiente comunicacional para a EAD

Contrário às lógicas citadas anteriormente, o interacionismo proposto por Vygostky (1993), o dialogismo de Bakhtin (1999), os princípios de leitura do mundo defendidos por Freire (1999), ajuda-nos a reposicionar o aspecto da aprendizagem, considerando e recolocando o sujeito como participante de um tempo e lugar social, histórico, relacional, inacabado, imerso em contexto cultural que condiciona, que reconfigura suas formas de pensar, sentir e agir (des) construindo sua consciência a partir das negociações, refutações, afetações, aceitação dos símbolos culturais que gravitam no entorno.

73

Pensar essa nova ótica considera-se que o aprender não é uma fase da vida que se dá de forma igual para todos e apenas num determinado estágio/etapa da vida, assim como a inteligência não é algo biologicamente programado a acontecer num tempo determinado, onde o sujeito é apenas lembrado do que sabe a priori ou ser estimulado ativamente de forma empírica ao acessar o objeto do conhecimento.

Os autores citados acima, dentre outros, ao considerarem o contexto social, o entorno do sujeito, acreditam que o conhecer, o aprender não estão prontos e são construídos socialmente. A linguagem desempenha uma função imprescindível aqui, pois leva à compreensão que culmina com a incorporação, por parte do educando, dos símbolos linguísticos e representativos dos conceitos adquiridos.

Essas aquisições e incorporações por meio da linguagem em trânsito, em negociação, na esfera da intersubjetividade, constroem a intrasubjetividade. O olhar, a



forma de pensar e o sentir são coadunados àquilo que socialmente é partilhado no e pelo contexto social. Por isso o diálogo é um aspecto imprescindível na comunicação que favorece a educação. E como defende Freire (2003), sem diálogo não há comunicação, e sem esta não há educação. Pois educação é um processo de comunicação, é um intercâmbio, uma troca entre seres em diálogo, e não uma transmissão de conhecimento.

Se o sociointeracionismo defende a intersubjetividade, a linguagem como matéria prima para comunicação, e que a plasticidade cerebral é (re)programada a depender do entorno social, está sempre em movimento, em potência, então, aprende-se sempre. A consciência é e pode ser confrontada sempre. Cotidianamente. Símbolos podem ser negociados, ressignificados e apropriados sempre Barbero (1997) Kúplun (1999) Orofino (2005).

Sob essa lógica, uma nova perspectiva pedagógica entra em curso. Se o desenvolvimento do pensamento é influenciado pela linguagem e formas de aquisição Vygostky (1993), então a linguagem, no entendimento exposto, é uma “ferramenta” do pensamento. E que socialmente em diálogo, de forma relacional, aprendemos dos e com os outros. Vygostky afirma “todas as funções superiores da inteligência - seja atenção voluntária, memória lógica, a formação de conceitos – originam-se entre os seres humanos” (1983, p. 57)

Nesse sentido, a relação, o papel professor-aluno se reconfigura para adequar-se a proposta do diálogo. A igualdade, a horizontalidade posiciona os sujeitos cognoscíveis frente a um objeto cognoscível que permeia a todos. Todos podem ensinar e aprender. Todos sabem algo do objeto. Todos têm narrativas, representações, linguagens a respeito daquilo que se está a aprender.

Primeiro ponto a repensar: os papéis sociais do professor e aluno. Este sujeito ativo do processo, receptor que aceita, refuta, renegocia símbolos. Aquele facilitador do processo, tematizador, que propõe desafios cognitivos a serem problematizados e construídos e não meramente modelos copiados e seguidos.

As metodologias visam construção de conhecimento, assim, urge-se repensar as estratégias didáticas, a definição de conteúdo, as possibilidades do currículo como espaço que favoreça um ecossistema educativo e comunicacional.



Nessa ótica, não cabe um paradigma informacional, funcional, da velha lógica emissor-meio-mensagem-receptor, mas sim numa nova conformação de aprendizagem, no qual o tempo e espaço comunicacional que favoreça e enriqueça as interações sociais, (re) criando novos ambientes de aprendizagens. Urge-se definir uma prática comunicacional no qual todos os atores sociais sejam emissores e receptores de significados. Todos têm seus sentidos e em interações põe seus significados em contatos e num novo contexto novas significações são possíveis a partir das diferentes narrativas e diferentes linguagens heterogêneas dialogam. Novas aproximações se reconfiguram. Novos saberes, conhecimentos, habilidades e competências podem ser desenvolvidas e outras podem entrar em desuso. Sujeitos em ação (re)definem essa perspectiva.

Kúplun (1999) nos incita a pensar nos limites e possibilidades da EAD considerando esses três elos – teoria da aprendizagem compreendida pelos produtores culturais, uma teoria pedagógica que desenvolve e realiza esse processo de ensino-aprendizagem, somada a uma prática comunicacional que subjaz a esse processo, e apresenta para essa plataforma hegemônica da EAD atual questões que podem abrir novos horizontes para a modalidade evitando-se os maniqueísmos ou vertentes moralistas que condenam a EAD, ou vertentes meramente culturais que defendem a aprendizagem dos meios pelos sujeitos receptores ativos na tentativa de driblar os processos hegemônicos, mas que dialeticamente se constroem novas possibilidades de uso da EAD a depender do contexto e não que a modalidade seja meramente uma réplica a ser copiada pelo receptor/aluno que passa a ter acesso ao estudo via EAD.

Conforme Kúplun (1999) cabe uma inquirição: No paradigma informacional com quem se comunica o aluno? Que canais o sistema coloca à disposição para que o estudante exercite sua compreensão?

Certamente um esboço de resposta as questões postas pelo autor nos faça considerar as teorias de aprendizagens não estáticas, mas sim as sociointeracionistas, nas quais as práticas pedagógicas são libertadoras, num paradigma comunicacional democrático, participativo e dialógico. Assim, é preciso educar a EAD para alavancar a formação, construção de conhecimento, saberes e ciência por meio de interações efetivas e não meramente conectivas baseadas em projeção e identificação de



elementos pessoais nas imagens-mídia Morin (1997) que vulgarizam e banalizam o conteúdo, conformando-o em algo utilitário a ser consumido.

Educomunicar a ead é preciso

Como mencionado anteriormente, só porque já imersa e permeada por artefatos e dispositivos digitais e comunicacionais não torna a EAD em si mesma dialógica e interativa.

Com vista a atender o maior número de pessoas em termos de quantidade, numa lógica de ambientes virtuais de aprendizagem no esquema “one-to-many”, num princípio economicista, do barateamento do acesso, não torna a EAD em si democrática e participativa.

Se os recursos didáticos e comunicacionais disponibilizados não favorecerem uma maior interação entre os sujeitos do processo, se não gerarem curiosidade, se os recursos pedagógicos não forem carregados de eticidade, dialogicidade e politicidade (Freire 1999), os sujeitos envolvidos permanecerão apenas imersos em seus contextos, numa consciência ingênua ou equivocados sobre os elementos e tramas que os envolve, mesmo tendo acesso a uma gama de informações e conteúdos.

Faz-se necessário redirecionar a nau do barco para outros caminhos e horizontes. Transformar os limites acima apontados: acesso meramente barato, dispositivos meramente técnicos e instrucionais, distanciamento cognitivo do entorno, uma participação meramente estética com o que se aprende, organização racionalizadora dos recursos pedagógicos numa perspectiva educacional.

Soares (2002) nos aponta caminhos para transformarmos os espaços educativos, inclusive a EAD, em espaços educacionais, ou seja, por meio de um conjunto de ações elabora-se, implanta-se e avaliam-se esses espaços e os integra aos mesmos novos procedimentos e processos dos sistemas de comunicação para se criar e favorecer ecossistemas comunicacionais a fim de se melhorar o fluxo de comunicação e ampliar o coeficiente comunicativo da comunidade educativa. E na EAD esse aspecto pode ser expandido por já estar imersa em meio a vários recursos de ordem tecnológica que favorecem a comunicação, o diálogo e a interação entre os sujeitos aprendentes, tão



necessários a construção de conhecimentos, saberes e ciência.

Ora, se o ecossistema comunicacional proposto por Barbero (1997), já ratificado por Soares (2002) Citelli (1999) Bacegga (1998), considera as narrativas, linguagens, representações de todos os envolvidos no processo, então a EAD, a escola e os espaços educativos devem se abertos a fim de facilitar o acesso, interações e aos conhecimentos e saberes gerados nas cidades, nos bairros, nos coletivos Orofino (2005) que poderiam dialogar, complementar e problematizar o fazer pedagógico, as propostas curriculares, a definição de conteúdos, etc. Quantos vídeos, palestras, oficinas, circos e outras conversas poderiam fazer parte do ambiente de aprendizagem escolar e da EAD? Quantos cursos elaborados pelas Ongs, coletivos e outras organizações da sociedade civil poderiam ser compartilhados e disponibilizados pela EAD tanto para fins de certificações ou não? Quantas capacitações poderiam ser estudadas por alunos em formação e ao mesmo tempo por profissionais em atividade para solucionar problemas reais/virtuais que poderiam ser atualizados Levy (1993; 2000) em novas perspectivas, novas soluções e readequando ao respectivo entorno?

77

Soares (2002) nos aponta um caminho ao viabilizar o processo acima por meio da gestão comunicativa na EAD, inserindo a educomunicação nessa modalidade de ensino assim como nos demais espaços educativo ao se seguir etapas a fim de favorecer a comunicação nesse espaço por meio da “organização do ambiente, a disponibilidade de recursos, o modus faciendi dos sujeitos envolvidos e o conjunto das ações que caracterizam determinado tipo de educação comunicacional”.

A gestão comunicativa visa descentralizar as informações, não torná-las bancárias, para manter o ambiente aberto para o diálogo, e não da forma como tem-se apresentado nessa EAD hegemônica atual, nos quais os canais de conectividade favorecem apenas o “one-to-many”, ao acesso a postagens de exercícios, a vídeos assíncronos, a conversa esporádicas ou previamente datadas com tutores, com baixo nível de interações/interatividade social.

Atendendo aos pressupostos de Soares, na EAD isso pode ser maximizado pelos dispositivos midiáticos que favorecem a intra interatividade do aluno e deste para com os envolvidos no processo, devido a alta navegabilidade, ao alto nível de hipertextualidade



Parente (2000) Primo (2003) e hipermídias que podem incidir na curiosidade do aprendiz para que este deseje aprender mais, descobrir mais, e ao interagir com outros sujeitos (reais/virtuais), engaje-se e insira-se na realidade em construção e não apenas da ficcional, a partir das problematizações propostas, cujos sentidos coletivos dialogam com seu centro de interesse ou não, e deste com os demais presentes na realidade.

Por meio de recursos didáticos disponibilizados, o aprendiz ao acessar as tramas, narrativas e linguagens de outrem, dialoga consigo também, adquirindo e compartilhando novas habilidades, conhecimentos e saberes tão necessários ao cotidiano atual, onde os conflitos, as questões de sobrevivência e do trabalho num mundo líquido Bauman (2007) necessitam não de replicadores de modelos prontos, mas de sujeitos ativos, que num dado momento pode estar no papel de emissor e/ou receptor transitivo ao mesmo tempo, cuja consciência transitiva Freire (1999) ao ter um confronto com os conteúdos, liberta-se da opressão em busca da emancipação, devido aos desdobramentos éticos e políticos da aprendizagem.

78

A guisa de conclusão

Vimos que os limites da EAD hegemônica estão na sua configuração instrucional quando a tecnicidade sobrepõe-se ao sujeito, considerando-o como mero receptor de informação e conteúdo, quando acredita que o simples acesso aos conceitos, idéias, teorias e leis de forma isolada e massiva pelos meios midiáticos faz-se conhecimento.

Os aspectos acima são resultantes de uma política econômica e social que visa desconcentrar o poder, transferindo “tarefas” aos sujeitos oferecendo o acesso a uma gama de conteúdo em forma de consumo, de forma competitiva, vendida como vantagem.

Por outro lado, ao se reposicionar a EAD numa perspectiva educomunicacional, pode-se potencializar os fluxos comunicacionais, melhorar o teor expressivo e comunicativo não só dos ambientes educativos, mas das tramas, narrativas e representações em negociação e negociadas do coletivo em interação. As ferramentas de interatividade podem aguçar as esferas cognitivas e afetivas e ampliar as dimensões éticas, estéticas e políticas dos envolvidos no processo de aprendizagem.



Enfim, a EAD pode ser mais um fator a favor da democratização da informação, pois se acreditarmos que a informação é parte do poder, ao disponibilizarmos o acesso a mesma, provocaremos a construção, a difusão e circularização de poderes na comunidade. Assim, pedagogizar os meios é preciso. Educomunicar o currículo, os meios escolares, as propostas de ensino, as plataformas virtuais e a vida é preciso. Faz-se não só necessário, é urgente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACÚRCIO, M., ANDRADE, R. **O empreendedorismo na escola**. Artmed/Rede Pitágoras. Porto Alegre/Belo Horizonte, 2005.

ALMEIDA, J. da ; DA SILVA, Cicero Inácio. **Arte, ciência e inovação: a prática da interdisciplinaridade**. In: Paula Perissinotto; Ricardo Barreto. (Org.). *FILE* 2009. 1ed.São Paulo: Imprensa Oficial, 2009, v. 1, p. 32-37, 2009.

79

AUN, M. P. e ÂNGELO, E.S. **Observatório da Inclusão Digital**. In: AUN, M.P. (org.) MOURA, M.A ., SILVA, H.P., JAMBEIRO, O. (pesquisadores); ÂNGELO, E. S., ALBUQUERQUE, H.F.S., CÂMARA, M.A . (alunos pesquisadores). Observatório da inclusão digital: descrição e avaliação dos indicadores adotados nos programas governamentais de infoinclusão. Belo Horizonte: Gráfica Orion, 2007.

AUSUBEL, D. **Aquisição e Retenção de Conhecimentos: Uma Perspectiva Cognitiva**. Lisboa: Plátano Edições Técnicas, 2001.

BACCEGA, M. A. **Comunicação e linguagem. Discurso e Ciência**. São Paulo: Moderna, 1998.

BACELAR,S.M. **Amostragem em Ciências sociais – relatório de aula prático-teórico**. Porto, Portugal: Faculdade de Economia, Universidade do Porto, 1999.

BAITELLO Jr., N. **A era da iconofagia. Ensaios de comunicação e cultura**. São Paulo: Hackers editores, 2005.

BAITELLO Jr., N., CONTRERA, M. S., MENEZES, J. E. O. **Os meios da incomunicação**. São Paulo: Annablume, 2005.

BELLONI, M. L. **Educação a distância**. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.



BORGES; WEINERG. **Diploma sem sair de casa**. IN: Revista Veja Edição 2127, p.122-124, 2009.

BRASIL. Decreto nº 2.494, de 10 de fevereiro de 1998. Regulamenta o Art. 80 da LDB (Lei nº 9.394/96). Brasília: Presidência da República. Disponível em: <http://www.mec.gov.br/seed/tvescola/ftp/leis/D2494.doc> > . Acesso em: 25 ago, 2010.

_____. **Ministério da Educação. Indicadores de qualidade para cursos de graduação a distância**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação a Distância, 2007. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/legislacao/refead1.pdf>> . Acesso em: 10 jun, 2009.

_____. Presidência da República. Decreto nº 5.800, de 08 de junho de 2006. **Dispõe sobre o Sistema Universidade Aberta do Brasil – UAB**. Disponível em: <<http://uab.capes.gov.br/images/stories/downloads/legislacao/decreto5800.pdf>> . Acesso em: 30 jul, 2011.

80

_____. Presidência da República. Decreto nº 6.755, de 29 de janeiro de 2009. **Institui a Política Nacional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/Decreto/D6755.htm> > . Acesso em: 30 jul, 2011.

_____. **Plano de Desenvolvimento da Educação: razões, princípios e programas (PDE, (2007)**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/livro/index.htm>> . Acesso em: 30 jul, 2011.

CAROLEI, P. **Ensino- Aprendizagem e a nova alquimia do virtual**. In: Giovanni Alves; Vinicio Martinez. (Org.). *Dialética do Ciberespaço*. Bauru: Praxis, p. 7-336, 2002.

CITELLI, A. **Comunicação e educação**. São Paulo, Senac, 2004

CORRADINI, S. N.; MIZUKAMI, M. G. N. **Práticas pedagógicas e o uso de informática**. In. *Revista Exitus*, v. 3, p. 85-92, 2013.

CONTRERA. M.S. **Incomunicação e amor**. IN: BAITELLO Jr., N., CONTRERA, M. S., MENEZES, J. E. O (2005) *Os meios da incomunicação*. São Paulo: Annablume, 2005.

_____. **Mediosfera: Meios, Imaginários e Desencantamento do mundo**. São



Paulo: Ananblume, 2010.

DA SILVA, Cicero I. **Arte e Tecnologia Digital Brasileira**. 1. ed. São Paulo: Witz edições, 2011.

DEWEY, J. **Democracia e Educação**. São Paulo: Nacional, 1952.

DECROLY, O. y MONCHAMP, E. **El juego educativo: iniciación a la actividad intelectual y motriz**. Madrid: Morata, 1998.

ELIADE, M. **O Sagrado e o profano**. Lisboa, Portugal: Livros do Brasil, 1992.

FLUSSER, V. **Da religiosidade: a literatura e o senso de realidade**. São Paulo: Escrituras editora, 2002a.

_____. **Filosofia da Caixa Preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002b.

FONTELES, H. A. **Programa Show da Fé: um retrato da construção midiática da imagem religiosa evangélica**. São Paulo: UNIP, 2007.

_____. **O Processo de vulgarização na escola pela mídia**. IN: DOLGHIE, J;

81

FONTELES, H.A; CAMPOS, B.M. **Cultura, Mídia e Educação: abordagens transdisciplinares**. São Paulo: Livro Pronto, 2008.

FAZENDA, I. **Conversando sobre interdisciplinaridade**. In: Revista Casa em revista – Interdisciplinaridade. Ano 2.ed.especial, SP, Novembro, 2010, p.4-7.

FREIRE, P; GUIMARÃES, S. **Sobre educação**. 3. ed. ver. ampl. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17^a ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987.

_____. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

GATTI, B. A. **Análise das políticas públicas para formação continuada no Brasil na última década**. Revista Brasileira de Educação, v. 13, n. 37, jan/abr. 2008.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**, 6 ed, São Paulo, Atlas, 2008.

GOASDUFF, L.; PETTEY, C. **More Than 50 Percent of Organizations That Manage Innovation Processes Will Gamify Those Processes**. *GARTNER*. Consultado a 3 de fevereiro de 2014, disponível em <http://www.gartner.com/newsroom/id/1629214>, 2011.



HUIZINGA, J. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

HUANG, W., SOMAN, D. **A Practitioner's Guide To Gamification Of Education**.

Disponível em:

[Http://inside.rotman.utoronto.ca/behaviouraleconomicsinaction/files/2013/09/GuideGamificationEducationDec2013.pdf](http://inside.rotman.utoronto.ca/behaviouraleconomicsinaction/files/2013/09/GuideGamificationEducationDec2013.pdf), 2013. Acesso em 19 Jul.

JAPIASSU, H. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

KALENA, F. **Relatório aponta novo papel do professor como tendência. Escola online**. Disponível em: <http://porvir.org/porpensar/relatorio-aponta-nov-papel-professor/20140630>. Acesso em: junho, 2014.

KENSKI, V. M. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. Campinas, SP: Papirus, 2003.

KAPLUN, M. **Processos educativos e canais de comunicação**. Comunicação & Educação. São Paulo: CCAECA-USPIModerna, n. 14, jan/abr.1999, p. 68-75.

82

Leal, M. **Você já sabe que é gamificação**. <<http://opusphere.com/voce-ja-sabe-o-que-e-gamificacao/>>, 2013. Acesso em 10 dez .

_____. **A Inevitável gamificação da educação**. <<http://opusphere.com/a-inevitavel-gamificacao-da-educacao/>>, 2014, Acesso 15 dez.

LEVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2000.

_____. **As Tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. São Paulo: Editora 34, 1993.

MARCELINO, J. **Escolas já investem em gamificação**. <<http://cloud-ead.programmers.com.br/blog/escolas-ja-investem-em-gamificacao/>>, 2014. Acesso: 15 jan.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

MARTINS, A. **Com desafios, missões e rankings, "gamificação" pode turbinar EAD**. <<http://educacao.uol.com.br/noticias/2014/02/21/com-desafios-missoes-e-rankings->



gamificacao-pode-turbinar-ead.htm > .

MARTIN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.

MASETTO, M. T. **Aulas Vivas**. 2. ed. São Paulo: M.G. Editora. v. 1, 1992.

MATTOS, F.A.M. IN: Liinc em Revista, v.5, n.1, março, p. 117- 132 - <http://www.ibict.br/liinc>, 2009.

MATURANA, H. e VARELA, F. **A árvore do conhecimento- as bases biológicas do conhecimento humano**. Campinas: Ed. Psy, 1995. São Paulo: Ed. Palas Athena, 2004.

MCGONIGAL, J. **A realidade em jogo: por que os games nos tornam melhores e como eles podem mudar o mundo**, 2012.

MEDINA, B... [ET al.]. **Como reinventar empresas a partir de jogos**. 1. Ed. – Rio de Janeiro: MTVPres.,164 pp, 2013.

MORAN, J. M. ; MASETTO, M. T. ; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 18. ed. Campinas: Papyrus Editora. v. 01. 173p, 2010.

83 MORIN, E. **Cultura de Massa no século XX: neurose**. Tradução de Maura Ribeiro Sardinha 9. Ed, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

NABUCO, C. Et Al. **Dependência de internet. Manual e Guia de avaliação e tratamento**. São Paulo: Artmed,, 2011.

OLIVIERI, A. **A gamificação na educação**. <<http://opusphere.com/gamification-em-educacao/>> , 2012

_____.**Entrevista professor Donizetti Louro**, <<http://opusphere.com/entrevista-professor-donizetti-louro/>> , 2013.

OROFINO, M.I. **Mídias e Mediação Escolar – Pedagogia dos meios, participação e visibilidade**. São Paulo: Cortez e Instituto Paulo Freire, 2005.

PACHECO, B. A. **Experiência mediada por dispositivos e interface digitais: contribuições da corporificação e da enação para design de interação**. Tese PUC SP, 2013.

PEIXOTO, T. **Desenvolva suas habilidades com a gamificação**, <<http://opusphere.com/desenvolva-suas-habilidades-com-a-gamificacao/>> , 2014.



PIAGET, J. **O pensamento e a linguagem na criança**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SILVA FILHO, A. M. **Os três pilares da inclusão digital**. *Revista Espaço Acadêmico*, ano III, n° 24, maio de 2003.

GENTILE, P.A. “Educação, vista pelos olhos dos professores”. In: **Revista Nova Escola**, nn.207, 2007, Pág 32 – 39.

MELLO,K; VICARIA,L. “Os filhos da era digital”. In **Revista Época**, ed.486, 2007,Pág 82-90.

RECUERO, R. **Redes sociais na Internet**, 1 ed, Porto Alegre, Sulina, 2009.

ROGAR, S. **Intimidade, câmera, ação**. (IN).*Revista Veja*, ed.2023, pág 100-101.

ROGERS, C. (2014) **Estudos sobre a vida do autor e seus pensamentos educacionais**
In:Centro de Referência Educacional. Disponível em:
HTTP://www.centrorefeducacional.com.br/car1.html. 2007,Acesso em 23 dez.

84

SAKATA, A. G. **Desmotivação dos alunos: como a gamificação pode ajudar no engajamento dos estudantes**. <<http://www.playdea.com.br/beneficios>> , 2014.

SATHER, L. (Org.) **Educação a distância: uma trajetória colaborativa**. São Bernardo do Campo: Editora UMESP, 2008b.

SKINNER, B. **Tecnologia do Ensino**. SP: Editora Pedagógica e Universitária Ltda, 1972.

SILVA, M. **Sala de aula interativa**. Rio de Janeiro: Quartel, 2000.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Gestão comunicativa e educação: caminhos da educomunicação**. In *Comunicação & Educação*, São Paulo, ECA/USP-Editora Segmento, Ano VIII, já/abr. 2002, no. 23, p. 20.

SOUZA, R. **O aprendizado informal em ambientes de redes sociais virtuais**. Monografia de B.Sc., Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2008.

TORI, R ; KIRNER, C. (Org.) **Fundamentos e Tecnologia de Realidade Virtual e Aumentada**. Porto Alegre: SBC. V. 1. , 2006, 422p.

VALENTE, J. A.; ALMEIDA, M. E.B. (Org.). **Formação de educadores a distância e integração de mídias**. São Paulo: Avercamp. v. 1., 2007,228p.

VALENTE, J.A; Moran J. M. ; ARANTES, V. A. **Educação a Distância: pontos e**



contrapontos. 1. ed. São Paulo: Summus Editora. v. 1, 2011,134p.

VALENTE, J.A. (Org.) **Computadores e conhecimento: repensando a educação.**
Campinas: NIED/UNICAMP Grafica Central UNICAMP, 1993.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. **A formação social da mente.** SP: Martins Fontes, 1991.

ZABALA, A. **Como trabalhar os conteúdos procedimentais em sala de aula.** SP:
Editora Penso, 1999.

